

O JORNALISMO E O SIMBÓLICO: O USO DA PALAVRA “HISTERIA”¹

JOURNALISM AND THE SYMBOLIC: THE USE OF THE WORD “HYSTERIA”

Recebido em: 24/04/2024

Reenviado em: 20/04/2024

Aceito em: 15/05/2024

Publicado em: 23/05/2024

Raabe Cesar Moreira Bastos² 

Gabriela Santos Alves³ 

Resumo: O artigo analisa a utilização da palavra “histeria” em títulos e matérias do jornalismo digital brasileiro. É buscado entender como tal uso, entendido aqui como claustro da histeria, colabora para o aprisionamento simbólico de mulheres. A repetição do termo exerce um deslocamento no imaginário social da imagem do feminino. Serão analisados, através de teorias feministas e dos discursos, seis matérias jornalísticas veiculadas entre 2018 e 2022, olhando para a palavra de forma a considerar sua carga histórica nas vivências das mulheres em contraponto com sua colocação nos títulos contemporâneos do jornalismo.

Palavras-chave: Jornalismo; Discurso; Linguagem; Claustro da Histeria; Teoria Feminista.

Abstract: The article analyzes the use of the word “hysteria” in titles and articles in Brazilian digital journalism. We seek to understand how such use, understood here as a cloister of hysteria, contributes to the symbolic imprisonment of women. The repetition of the term causes a shift in the social imaginary of the feminine image. Six journalistic articles broadcast between 2018 and 2022 will be analyzed, through feminist theories and discourses, looking at the word in order to consider its historical burden in women's experiences in contrast to its placement in contemporary journalism titles.

Keywords: Journalism; Speech; Language; Cloister of Hysteria; Feminist Theory.

INTRODUÇÃO

O vocábulo “histeria” vem do grego histerus, equivalente a “útero” (HUBERMAN, 2015), configurando um ambiente próprio do feminino, onde corpos desviantes da norma têm toda a sua história e possibilidade descoladas ao campo da loucura, com imposições de costumes e correções aos seus comportamentos e falas, regrado, ao molde da hegemonia masculina, vidas (LAGARDE, 2016). A partir do momento em que acontece o estabelecimento do corpo na zona da loucura, há a marginalização e a opressão social que colabora para o silenciamento, subjugação e segregação de vivências, “está na base do conjunto de instituições do Estado e da sociedade civil encarregadas de separar os diferentes” (LAGARDE, 2016, p. 689).

¹ Trabalho apresentado no Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UFPB – 5 a 9/9/2022.

² Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); pesquisadora de iniciação científica, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES). E-mail: raabebastos19@gmail.com

³ Professora Associada II do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Brasil. E-mail: gabriela.alves@ufes.br

O discurso configura um espaço de legitimação, comunicando referentes da realidade social para todo aquele que participa de tal realidade, construindo memórias e imagens, criando um sentido, uma explicação para o mundo (SOUSA, 2002). O processo de sua constituição trata-se da escolha de termos, figuras e noções que serão amplamente difundidas, com poder de legitimar ideais. Portanto, é necessária a averiguação da utilização da palavra “histeria” em títulos de matérias, bem como em explicações de diversos fenômenos.

A histerização de mulheres acontece de maneira a inviabilizar o feminino, o colocando no claustro da histeria (LAGARDE, 2016), tal clausura é composta de mecanismos sofisticados que visam impor uma estética em vivências. Estes aprisionamentos simbólicos são possíveis através de organizações de discursos, em seus mais diversos meios de influências e propagação, se trata da reprodução de princípios que pretendem certificar sua repetição social, fabricando enunciados que manifestam toda uma estrutura narrativa de misoginia.

Os meios de sentidos produzidos e reproduzidos são capazes de gerar uma estética da histeria que enclausura vivências. O termo estética, é derivado da palavra grega *aisthesis* (percepção sensorial), tendo como principal referência o material em suas elaborações (WILLIAMS, 2007). O jornalismo cristaliza ideais, é capaz de efetuar poderes em variados âmbitos, sua governança atravessa o social em diversas camadas, produzindo discursos e imagens que servem como referências mentais correspondentes, tais imagens são concepções mentais advindas da cultura, processos manipuladores da figura como reputação ou caráter percebidos (WILLIAMS, 2007).

O imaginário social se faz em torno da articulação de significantes, onde estes fomentam representações, indicando marcações, associações e designações, atribuindo papel e origem, ligando, através de um signo, um conteúdo a outro (FOUCAULT, 2016). Assim, há a formulação de controles sociais, onde a utilização de palavras é instrumentalizada com intuito de manter determinados espaços como específicos para o condicionamento, de forma que enunciados de tragédias, situações degradantes ou qualquer conjuntura negativa empregando o termo “histeria” esclareça o lugar próprio do mal, relacionando diretamente com o feminino.

A constituição identitária da mulher é realizada em combate aos claustros que lhe cercam desde o início da história, em conflito com toda uma cultura estabelecida que propaga o assujeitamento dos corpos femininos (LAGARDE, 2016). Esse enredamento, que atravessa experiências em suas mais diversas peculiaridades, produz relações sociais que internalizam normas, de forma que cativa a reprodução de ideais, portanto, o jornalismo trabalha contra a emancipação

feminina quando vincula a palavra “histeria” ao que é ruim, descartável, rejeitado e pueril. É a sistematização de formas de cercamento e repressão, onde os sujeitos são vetados em sua capacidade de se relacionar, trancados no próprio corpo e na posse de corpos alheios (VASALLO, 2022).

A partir do exposto, serão analisados títulos de matérias do jornalismo digital brasileiro que utilizam a palavra “histeria”, é buscado mostrar como a aplicação de tais significantes favorece a manutenção da mulher em local onde sua imagem é ligada ao que é desprezível, desagradável e repulsivo. A seleção das matérias se deu considerando as aplicações do termo “histeria” em diferentes contextos e veículos, buscando uma amostra de como tal palavra é utilizada, encarando sua carga histórica na vivência das mulheres. A análise tratou-se de olhar para a palavra de forma a considerar o que é na experiência feminina em contraponto com sua colocação nos títulos contemporâneos do jornalismo brasileiro.

O DESVIANTE COMO HISTÉRICO

A criação de ambiente favorável à desqualificação da mulher acontece através da repetição, fazendo com que o cultural passe a ser absoluto como natural, portanto, há uma distorção da imagem do feminino. A intensa replicação da palavra "histeria", caracterizando condições que evocam o impuro, desdenhável e miserável, associa ao que é mau os corpos para além do masculino, são artifícios que internalizam conceitos. As operações para efetuar alegorias, onde a mulher é suporte para divulgação de ideologias, fabricam uma posição de representação do feminino, fazendo com que haja um espetáculo nos corpos em seus vetos de desejos, dores e deslocamentos (PERROT, 2005).

A intensidade com a qual os discursos que interdita aplicam suas medidas punitivas acaba por banalizar a utilização de um termo carregado de misoginia, violências, silenciamentos e segregações. O jornalismo formaliza o uso de palavras, sua voz de autoridade tem poder de vocalizar ou calar, através de construções discursivas, corpos e vivências. A possibilidade de construção do sujeito está conectada ao emprego de determinados significantes, pois certos vocábulos ou formas de chamamento ameaçam o bem-estar físico ou o preservam, a linguagem é capaz de sustentar ou ameaçar existências simbólica e fisicamente (BUTLER, 2021). A estruturação da linguagem por meio do uso de termos é componente da construção interna social, que organiza relações, constitutivo de saberes e normas (WILLIAMS, 2007).

A linguagem opressiva não representa a violência, mas é a violência, pois limita (MORRISON, 1993), as mulheres como indivíduos que há pouco eram privadas do público, agora o

vivem com a constante sujeição de suas vidas aos meios comunicacionais que as oprimem pela naturalização do chamamento do desviante como feminino. A subalternidade é exercida pelo constitutivo expressivo, escrito ou falado, que produz sentido, é parte de um sistema que realiza sua agência controlando o uso de palavras, o patriarcado renova os paradigmas de dominação (HOOKS, 2020). É o anúncio da “realidade” que carrega controles e consequências (BUTLER, 2021). A performance da linguagem tem efeitos, configurando medidas que executam poderio social.

A palavra empregada no jornalismo como instrumento pelo qual o poder é exercido captura toda uma lógica e a exhibe como verdade, desempenhando papel violento. O que é comunicado na linguagem prefigura atos, referência o que pode ser efetivamente executado (BUTLER, 2021). Os efeitos simbólicos de incontáveis títulos jornalísticos carregando a palavra “histeria” desenha a fronteira com que mulheres têm de lidar cotidianamente, pois o jornalismo se trata de uma esfera que possui caráter regulador, sendo socialmente o mediador de posições na dinâmica de poder (FOUCAULT, 2016). As projeções realizadas nos processos comunicacionais definem perspectivas de alguns indivíduos em detrimento de outros, restringindo e silenciando mulheres, é a preservação da dominação masculina (BIROLI; MIGUEL, 2014).

Por séculos a linguagem como território de disputa banuiu mulheres, apartando-as da História. Se eram citadas, antes, se tratava da cristalização de desejos e medos dos homens, de maneira que não havia uma real representação do feminino (PERROT, 2005). É sabido que houve evolução no que se refere ao espaço ocupado pela mulher, mas sua presença, direta ou indiretamente, está acompanhada de regulações e estereótipos, vê-se que o jornalismo utiliza o termo “histeria” para se referir a acontecimentos do ridículo ao amedrontador, é a rememoração constante de que o que é mau pertence ao feminino. O incentivo a banalização da mulher ocorre na vinculação de sua imagem ao indesejável, uma das formas de manifestação das opressões é a tentativa de controle da imagem, indicando uma representação específica (BUENO, 2020).

O arranjo que coloca a mulher na categoria da loucura é o fato propriamente de pertencer a tal gênero, vê-se que são constantes as maneiras de lembrá-la que está no âmbito da insanidade. Estando o jornalismo em local de influência social, fornece e reforça efetuações, produções e reproduções de violências, seu campo de domínio é amplo, concretizando pensamentos, ideais e ações. Esclarecer a autoridade do jornalismo em relação a execução de atentado aos corpos mostra como determinados usos da linguagem é perigosa, capacitando vieses de marginalização.

Entender que o claustro da loucura constitui toda uma estruturação social deixa clara a violência exercida cotidianamente, ela é desempenhada com o intuito de colocar na loucura feminina todo “o caos, o transtorno da ordem cósmica, social e cultural” (LAGARDE, 2016). É uma forma de assujeitamento dos corpos, acontecendo o “esgotamento da via feminina de viver a vida” (LAGARDE, 2016). Tal enredamento anula as mulheres, internalizando normas em toda a sociedade, de maneira que sejam lembradas todos os dias como forma de contenção das experiências. A prisão simbólica da identidade de todas as mulheres através do discurso faz parte de um “conjunto articulado de características que colocam as mulheres em situações de subordinação, de dependência e de discriminação em suas relações com os homens, com o Estado e com a sociedade” (LAGARDE, 2016).

A HISTERIA E OS TÍTULOS

Os títulos a serem apresentados dizem sobre assuntos diversos, em diferentes veículos de comunicação, mas todos se encontram no mesmo ambiente, o de posicionar o feminino como estranho, alheio, indesejável e descartável. São incontáveis as intitulações de matérias que carregam a palavra “histeria”, de forma que foi preciso escolher quais seriam expostos, a seleção se deu tendo em vista a articulação realizada para colocar toda uma situação no campo da histerização, bem como as representações sociais que as matérias trazem. Sendo: “Histeria coletiva: até chineses resolvem meter a colher no pirão” (Veja, novembro de 2018); “Em 1991, A-ha causou histeria no Recife com show histórico” (Diário de Pernambuco, outubro de 2020); “Razão em tempos de histeria” (Gazeta do Povo, janeiro de 2022); “Os limites da liberdade de expressão e a histeria canceladora” (Gazeta do Povo, fevereiro de 2022); “Russofobia: quando a histeria das redes amplifica o preconceito” (Folha de São Paulo, março de 2022); “Reação à compra do Twitter por Elon Musk vai da histeria ao autoengano” (O Antagonista, abril de 2022).

O primeiro título, “Histeria coletiva: até chineses resolvem meter a colher no pirão” (Veja, novembro de 2018), trata de uma matéria que diz sobre o pós-eleição no Brasil em 2018, onde chamam de históricas opiniões sobre acordos comerciais com a China, queimadas na Amazônia e possível volta da ditadura. Neste caso, o pertinente está no fato de que todo o escrito que intitula a matéria se relaciona às críticas realizadas ao governo eleito, de forma a colocar, em tom jocoso, todo o debate no campo da histeria, fazendo com que haja um deslocamento quanto a seriedade de tais discussões, pois o espaço reservado à histeria não toca o racional e a seriedade, antes, é risível

(LAGARDE, 2016). O tema da matéria é de extrema complexidade, cabendo diversas perspectivas para tratar o assunto, porém, houve a escolha de transportar toda a óptica para o local da histeria.

“Em 1991, A-ha causou histeria no Recife com show histórico” (Diário de Pernambuco, outubro de 2020), tal título aborda embriaguez e pequenos acidentes quando o grupo A-ha chega ao Recife para um show. O verbo “causar” relacionado ao estado histérico é carregado de significância. As causas da histeria se modificaram de acordo com a época e com a necessidade do patriarcado de manter seu controle em corpos femininos (BEAUVOIR, 2019), de forma que a utilização da palavra “causou” seguido de “histeria” remonta ideais de poder já conhecidos em relação às mulheres. Na matéria, uma entrevistada diz ter ido ao show aos 15 anos, com amigas, e contou que uma delas passou mal. É interessante observar o que possivelmente pode causar histeria, bem como o que é tido como comportamento histérico em tal contexto: a chegada de uma banda, embriaguez e pequenos acidentes. Novamente, se trata de localizar o feminino no instável e indesejável. A necessidade de observar com sensibilidade os usos patriarcais da linguagem se faz pois tentam a naturalização, ignorando desenvolvimentos históricos (BOVENSCHEN, 1986).

Na matéria “Razão em tempos de histeria” (Gazeta do Povo, janeiro de 2022), para além do título absurdo, tem-se ao longo do texto diversas constatações da utilização da histeria para o suposto diagnóstico de toda uma conjuntura. Os trechos "pessoas com muito medo não pensam", "estão em pânico", "aqueles que não perderam o juízo precisam rabiscar essa verdade, nem que seja para destacar que são os outros que enlouqueceram", "todos vão achar que a loucura é a norma" e "é preciso preservar a razão em tempos de histeria coletiva" demonstram o esforço do autor para colocar um contexto, que se tratava da urgência da vacina e a aplicação dela em crianças, como indicação de comportamentos históricos, de que era loucura tal alarde. A narrativa buscada com o uso da palavra “histeria” é a de cativar o pensamento público quanto a origem dos males: se vem da histeria, tem raízes no feminino. É o endereçamento de tudo que é tido como desagradável à mulher, ao pertencimento a sua categoria.

Outro título que merece atenção é “Os limites da liberdade de expressão e a histeria canceladora” (Gazeta do Povo, fevereiro de 2022), a particularidade desse caso está no fato de que o que intitulam como “histeria canceladora” foram as respostas negativas quando, em um podcast, foi defendida a legalização de um partido nazista. Aqui, acontece o oposto: a tentativa de colocar a repulsa gerada pelo caso na histeria, é para desqualificar todo o repúdio por uma fala tão nefasta. O trecho “o clima de histeria coletiva que está tomando conta do debate público nacional” exemplifica

como as reações contra o absurdo dito são posicionadas na esfera da histeria para viabilizar posições repugnantes, evidenciando como tem sido a veiculação e interpretação da palavra “histeria”.

Na matéria “Russofobia: quando a histeria das redes amplifica o preconceito” (Folha de São Paulo, março de 2022), o título faz referência ao movimento nas redes sociais que aconteceu no início da guerra da Rússia com a Ucrânia, culminando na retirada de autores russos como Fiodor Dostoievski e Liev Tolstói de bibliotecas e pesquisas, produções musicais russas também sofreram o boicote. A delicada situação dos desdobramentos sociais em relação a guerra foi encarada como advindo de uma “histeria das redes” que aumentou preconceitos, novamente, há a utilização do termo para mostrar o que é desqualificado, desagradável e inconcebível.

O título “Reação à compra do Twitter por Elon Musk vai da histeria ao autoengano” (O Antagonista, abril de 2022) coloca toda a complexidade no que se refere a compra de uma rede social por um bilionário na histerização, é o questionamento sobre reações mobilizado para a histeria. O problema social passa a indicar um campo específico, uma suposta origem, onde engendra comportamento de repúdio ao feminino, pois ele é a causa do mal, é por onde a maldade entrou no mundo – vê-se mitologias como Eva e Pandora – e é por onde continua a se realizar. A profundidade do assunto, que passa por política e economia, é ignorada com a única função de organizar o sistema para impossibilitar o feminino, pois o uso de termos que dizem diretamente sobre mulheres em circunstâncias que não o cabem nunca é inocente, antes, se realiza para arquitetar enclausuramentos.

Todos os títulos e matérias apresentados esclarecem a normalização em torno da palavra “histeria” em toda sua carga histórica cultural, exercendo controle de imagens, estabelecendo separação do feminino, citado através da histerização. O claustro da histeria opera no simbólico e se manifesta em espaços que exigem o deslocamento de tudo que não é aceito para a histeria, se trata da fabricação na qual atuam diferentes segmentos da sociedade, da cultura e suas instituições (LAGARDE, 2016). O jornalismo desempenha um meio pelo qual a estruturação em torno da loucura feminina se estabelece, sua credibilidade social faz com que seja possível a validação de ideais. A mulher lida como louca sofre a destituição da fala, o veto quanto suas ações, assim, a mobilidade de circunstâncias diversas para a histerização mostra porque se realiza: estando o feminino, sendo próprio dele a loucura, marcado como inferior, tudo o que se refere ao impensável e inadequado, lhe cabe.

A violência simbólica que subjuga corpos se faz através da repetição para gerar a naturalização, vê-se que em circunstâncias díspares houve o uso do vocábulo “histeria”, de maneira

a colocar como natural sua definição, cabendo ao uso cotidiano lhe dar significância de tudo que é reprovável, internalizando concepções. A mobilização efetuada para seu emprego se faz, pois, “a percepção sobre a loucura feminina também se transforma entre os séculos, assim como a condição da mulher na sociedade.” (LAGARDE, 2016, p. 772), de modo que essa é uma das formas de controle patriarcal, pois a linguagem tem o poder de retomar e reforçar a dominação de certos discursos (BOURDIEU, 2002).

Para além dos títulos apresentados, também constatamos os seguintes: “Histeria coletiva surge de vontades recalçadas, diz psicóloga” (G1, junho de 2010); “Escola na Malásia fecha portas por histeria coletiva após 'aparição misteriosa” (BBC, abril de 2016); “Histeria coletiva e interesse público” (Folha de São paulo, julho de 2019); “Trocando sutileza por histeria, novo ‘Invocação do Mal’ não assusta ninguém” (Uol, junho de 2021); “Especialistas acreditam que estamos vivendo uma histeria coletiva” (Megacurioso, novembro de 2021); “Ataque de histeria” (MyNews, novembro de 2021); “Esta histeria do ‘atentado’ serviu para quê, exatamente?” (Público, fevereiro de 2022); “Prevenção ou histeria?” (A hora, maio de 2022); “Macacos endêmicos ou uma pandemia de histeria” (Observador, maio de 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso que segrega as mulheres é uma das justificativas que estruturam o sistema, pois, através da narrativa em que tudo reprovável é histórico, vetos e violências são exercidas nos corpos femininos, se a histeria tem origem na mulher, se lhe é própria, será credibilizada nela tudo o que for deslocado à histerização. É a articulação que manipula vinculações através dos gêneros, formulando imagens de controle que se interconectam socialmente para idealizações (BUENO, 2020). O uso naturalizado do termo “histeria” igualmente torna comum as noções de ação que cercam tal claustro, pois faz ser cotidiana a constatação do feminino como reprovável e indesejável. O jornalismo estabelece o que é aceitável, constituindo referências mentais de concepções quanto aos corpos (WILLIAMS, 2007).

Histeria como claustro que tenta a imposição de uma estética a faz com propósito de controle em todas as camadas da vida social, limitando não apenas a mulher, mas todos os indivíduos, pois produz o veto de pensamento, reflexão e elaboração quanto a papéis sociais pré-estabelecidos em suas clausuras e violências. O patriarcado como estrutura social que governa pensamentos e comportamentos reproduz domínios de aprisionamento (LAGARDE, 2016), gerando invalidação

pessoal e distorcendo percepções quanto ao social, são impedimentos e ausências que processam o enclausuramento feminino. As estruturas linguísticas manifestas nas análises apresentam e reapresentam todos os dias as configurações do discurso que inviabilizam a mulher.

A violência simbólica exercida regularmente pelos meios de comunicação torna comum sentidos e direções, bem como expressões que têm origens patriarcais, com intenção de regular identidades. A forma como o ideal de loucura é entendida advém da cultura em suas relações de poder (LAGARDE, 2016), sentenciando todo o entorno de vivências. A utilização da palavra “histeria” diz não apenas sobre o jornalismo, mas também a respeito de toda a hegemonia masculina socialmente empregada, engendrando a opinião pública e os deslocamentos exercidos no imaginário coletivo. A tentativa de estabelecimento de uma realidade absoluta com perspectivas patriarcais concretiza certa autoridade em experiências, de maneira a transportar percepções aos espaços que lhe competem. A análise feita cabe como parâmetro para o uso de demais termos que marginalizam, as dimensões dos artifícios de dominação atravessam múltiplos meios para sua concretização.

As demandas em prol do masculino para mantimento de sua hegemonia se apropriaram da aplicabilidade de “histeria” em qualquer contexto, cunhando como natural a noção de “histeria coletiva”, pois é fundamental que a “loucura genérica de todas as mulheres, cujo paradigma é a racionalidade masculina” (LAGARDE, 2016, p. 40) esteja sempre marcada. A organização das relações é executada sempre pelo enviesamento da loucura, tudo lhe cabe, todas as coisas intoleráveis lhe são características.

O claustro da histeria como produtor de uma estética que propicia o direcionamento de todo o imaginário social, bem como da cultura, utiliza o jornalismo para se instituir enquanto verdade absoluta. A vinculação do insano social ao feminino é elaborada no cotidiano, se faz de matéria em matéria, concretizando o ambiente de naturalização do ideal patriarcal que impõe a loucura e liga o feminino ao desprezível. A histerização dos corpos das mulheres diz sobre uma estruturação que visa a descontinuação de certas vivências para além do masculino, é a interrupção da mulher, seu interdito.

O início da emancipação através do diagnóstico de como os usos de palavras operam no campo simbólico imaginário desfaz a cristalização da imagem da mulher, quebrando a imposição do claustro da histeria, pois identificar e interpretar processos de discurso e linguagem acarreta o entendimento de como se fazem os controles aos corpos femininos, podendo haver o desmonte dos mesmos. A tarefa de dismantelar toda uma estrutura não é simples, mas se encaminha quando há a percepção das operações empregadas para justificar violências e submissões.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Julio Cezar. Especialistas acreditam que estamos vivendo uma histeria coletiva. **Megacurioso**, nov. de 2021. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/saude-bem-estar/120433-especialistas-acreditam-que-estamos-vivendo-uma-histeria-coletiva.htm>. Acesso em: 24 jun. 2022.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1979.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BENTO, Emmanuel. Em 1991, A-ha causou histeria no Recife com show histórico. **Diário de Pernambuco**, 06 de out. de 2022. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2020/10/em-1991-a-ha-causou-histeria-no-recife-com-show-historico.html>. Acesso em: 24 jun. 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUENO, Winnie. **Imagens de controle**. Porto Alegre: Zouk, 2020.

BUTLER, Judith. **A força da não violência**. São Paulo: Boitempo, 2021.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: Uma política do performativo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CONSTANTINO, Rodrigo. Razão em tempos de histeria. **Gazeta do povo**, 13 de jan. de 2022. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/razao-em-tempos-de-histeria/>. Acesso em: 24 jun. 2022.

COSTA, Bruno. Macacos endêmicos ou uma pandemia de histeria. **Observador**, mai. de 2022. Disponível em: <https://observador.pt/opiniao/macacos-endemicos-ou-uma-pandemia-de-histeria/>. Acesso em: 24 jun. 2022.

CRUZ, Carlos Alberto. Ataque de histeria. **MyNews**, 18 de nov. de 2022. Disponível em: <https://canalmynews.com.br/dialogos/ataque-de-histeria/>. Acesso em: 24 jun. 2022.

ECKER, Gisela. et al. **Estética feminista**. Barcelona: Icaria, 1986.

FELICIANO, Marco. Histeria coletiva e interesse público. **Folha de São Paulo**, 18 de jul. de 2019. Disponível em: [://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2019/07/histeria-coletiva-e-interesse-publico.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2019/07/histeria-coletiva-e-interesse-publico.shtml). Acesso em: 24 jun. 2022.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

GRYZINSKI, Vilma. Histeria coletiva: até chineses resolvem meter a colher no pirão. **Veja**, 1 de nov. de 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/mundialista/histeria-coletiva-ate-chineses-resolvem-meter-a-colher-no-pirao/>. Acesso em: 24 jun. 2022.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista**: Da margem ao centro. São Paulo: Perspetiva, 2020.

HUBERMAN, Georges. **Invenção da histeria**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

LAGARDE, Marcela et al. **Los cautiverios de las mujeres**: madresposas, monjas, putas, presas y locas. Cidade do México: Siglo XXI Editores México, 2016.

MARTINI, Rodrigo. Prevenção ou histeria?. **A hora**, mai. de 2022. Disponível em: <https://grupoahora.net.br/conteudos/2022/05/20/prevencao-ou-histeria/>. Acesso em: 24 jun. 2022.

MANDELLI, Mariana. Russofobia: quando a histeria das redes amplifica o preconceito. **Folha de São Paulo**, 17 de mar. de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/03/russofobia-quando-a-histeria-das-redes-amplifica-o-preconceito.shtml>. Acesso em: 24 jun. 2022.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política**: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014.

MORRISON, Toni. **Nobel Lecture**, 7 dez. 1993. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/literature/1993/morrison/lecture/>. Acesso em: 24 jun. 2022.

OS limites da liberdade de expressão e a histeria canceladora. **Gazeta do povo**, 10 de fev. de 2022. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/editoriais/monark-kim-kataguirinazismo-liberdade-de-expressao/?ref=botao-fechar-sticky>. Acesso em: 24 jun. 2022.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**. Rio de Janeiro: Paz&Terra, 2021.

REAÇÃO à compra do Twitter por Elon Musk vai da histeria ao autoengano. **O antagonista**, 24 de abr. de 2022. Disponível em: <https://oantagonista.uol.com.br/internet/reacao-a-compra-do-twitter-por-elon-musk-vai-da-histeria-ao-autoengano/>. Acesso em: 24 jun. 2022.

SADOVSKI, Rodrigo. Trocando sutileza por histeria, novo "Invocação do Mal" não assusta ninguém. **Uol**, jun. de 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/colunas/roberto-sadovski/2021/06/03/trocando-sutileza-por-histeria-novo-invocacao-do-mal-nao-assusta-ninguem.htm>. Acesso em: 24 jun. 2022.

TAVARES, João Miguel. Esta histeria do “atentado” serviu para quê, exactamente?. **Público**, fev. de 2022. Disponível em: <https://www.publico.pt/2022/02/12/opiniao/opiniao/histeria-atentado-serviu-exactamente-1995210>. Acesso em: 24 jun. 2022.

THENÓRIO, Iberê. Histeria coletiva surge de vontades recalçadas, diz psicóloga. **G1**, 16 de jun. de 2010. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2010/06/histeria-coletiva-surge-de-vontades-recalçadas-diz-psicologa.html>. Acesso em: 24 jun. 2022.

VASALLO, Brigitte. **O desafio poliamoroso**. São Paulo: Elefante, 2022.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave**. São Paulo: Boitempo, 2007.

WONG, Tessa; ASHER, Saira. Escola na Malásia fecha portas por histeria coletiva após 'aparição misteriosa'. **BBC**, 20 de abr. de 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160420_malasia_histeria_escola_fn. Acesso em: 24 jun. 2022.